



Fundado no
Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO
SUL

Bicentenário de Sampaio

Ano 2010

Nº 102

“REBOLUÇÃO” IMPERFEITA - *Juarez Nunes da Silva (*)*

A meia-tarde já vinha descambando lá na serra e o roçado que o João Tenório havia empreitado com uns qüeras cor de cuia, teatinos que estavam de passagem por ali, já estava indo p'ros finalmentes. Findo o serviço, a próxima lida era “deitar uma coivara” no roçado. Bem montado numa rosilha estrela, João Tenório fitava os dois viventes com a aba do chapéu na linha dos olhos, que manobravam os cabos das foices com uma mitra de dar inveja. Um calor mormacento tomava conta do ar, a ponto de deixar sentinela tosconeando. Logo, João Tenório talarizou as esporas e priscou de volta pro rancho.

Mas, o abantesma estava solto e a pandilha do banditismo se aproximava na morada do Tenório, do outro lado da coxilha, pra trazer desgraça a sua família. Gritos de gente desrespeitosa e mandona se ouviam muito longe, ecoando no capão de mato próximo do casarão, deste jeito:

--- *Andando chinaredo! Façam o João Tenório desentocar deste rancho, se não quiserem ficar com o toso de égua parideira!*

E foi desta forma rude que o belendengue republicano Capitão Dinarte e mais dois baiaquaras, gritou no mangueirão de pedra de um casarão dos tempos dos primeiros lagunenses que aqui chegaram. O que faziam ali, aqueles homens? Estavam recoluntando a homarada alcagüetada por divergir do então governo Borgista. Ainda abarbarados por sentimentos políticos das revoluções entre os gaúchos, eles continuavam a luta, de direito já conclusa, cujas brasas jaziam em cinzas entordilhadas. Havia dois anos que os libertadores sucumbiram a peleia e não havia motivos para que a “revolução” prosseguisse. Mas, ainda continuavam as ações de violência, prisões com motivos de arranjo, aboletamento, execuções por meio de degolas – a temida “gravata colorada”, deslustrando ainda mais a moral dos chimangos, próceres do republicanismo castilhistas.

Como caranchos ávidos de carniça, estas patrulhas volantes adentravam nos rancherios sem abemolar a conversa. Chegavam aos gritos e não lhes custava nada tosar o cabelo das mulheres a facão, guasqueando-as com açoite ou laço dobrado, por acobertarem os seus varões, sejam filhos, irmãos e esposos.

O casarão era o rancho da família de Tenório, onde ele se protegia da mamangava forte do inverno, com a mãe e mais duas irmãs moças. Sem uma palavra do mulherio, os alcaides passaram a estalar arreador, avergalhando as pernas e os pés das moças, que desataram a correr como tropa arengueira buscando proteção, “deitando a quilina” em direção ao pasto. Perseguidas, elas foram pealadas a sovêu, e quando os endiabrados prenderam os seus pulsos para delas tirar proveito, a matrona apareceu, num repente, com um mosquetão *comblain* carregado. Com a presteza de um infante, executou um disparo pondo fim à raça de um dos galegos. O velho armamento, que vivia com

a alma do cano sempre quente nos confrontos com os paraguaios, acordava para dar um medonho “buenas-tardes” aos desgraçados. Foi o suficiente para que a chimangada ficasse boleada dos cascos e terminasse por vingar a morte do ventana, liquidando à lâmina de palmo e meio as três mulheres e a cachorrada que no “já-te-pegó-já-te-largo” avançavam neles em defesa do mulherio.

De retorno por um caminho de escoteiro, João Tenório, de longe sentiu que as ventas não cheiravam “cosa buena”. Despacito, foi se chegando pra perto dos alambrados do rancho e o olfato de aziago lhe afetou os pulmões. Percebeu que os terneiros ainda não tinham sido apartados, sinal de que algo destoava na paisagem, pelo adiantado da hora. A cuscada, sempre alarife, já não veio ao seu encontro como de costume e, logo, o cusco “pirata” foi encontrado caído próximo da cancela escancarada, ainda respirando a “meio-forgo”. Tenório apeou num “upa” e enxergou a sua mãe no meio da mangueira, genuflexa e ainda viva, com as vestes encarnadas do sangue que perdeu, deixando um rastro coloreado atrás de si até o pasto dos fundos. Segurando-a pelos ombros, João Tenório presenciou o último sussurro: “*Foram os covardes dos Borgistas, filho meu!*”. Tenório seguiu a mancha de sangue deixada pela sua mãe e avistou as roupas alvas das irmãs caídas no pasto, contrastando com o verde do azevém. Junto de uma delas, encontrava-se um homem caído de bruços. Já era tarde demais.

Voltou junto à casa do forno e apanhou, sob o telhado, a velha arma de confiança, uma lança com ponta em meia-lua - que lhe acompanhara nos combates de 23, cuja habilidade e destreza, dava a parecer que ela era uma extensão do seu braço - e, montando na rosilha, se foi. Tenório fez parte de um piquete maragato, empunhando a lança que seu pai conduziu durante os sangrentos combates federalistas, cujos meneios não convém aos gaúchos lembrar. A lança é uma arma que foi muito utilizada nas lutas da fronteira meridional nos séculos XVII até XIX, tendo o seu último uso no comando do maragato Assis Brasil, um dos aparatos do mobiliário de poucos haveres da construção do peão-soldado gaúcho. Aliás, a família Tenório teve o tempo marcado com brasa quente desde a participação do seu avô no chaco paraguaio, o seu pai na Revolução Federalista e ele, na Revolução Libertadora.

Seguindo as marcas dos cascos ferrados dos dois animais dos bárbaros, Tenório seguiu a galope, esvoaçando o lenço maragato, cego de raiva para cobrar o hediondo ultraje. Queria ser um falcão em alcarrada para apanhá-los e cobrar-lhes o sopro da vida. O dia já era um lusco-fusco esperando a noite descer, e o trote da rosilha não afrouxava. Com o pensamento salpicado pela ânsia de trompar com os calaveiras, Tenório levava a lança de ponta sob o braço destro.

Não tardou muito, ao sair de um capão de mato, que dava acesso para um tremendal, foi atingido fortemente no peito por um mangaço de um dos chimangos, que percebendo a perseguição, ficaram de campana para o assalto. Tombo certo, ele foi lançado ao chão como um saco de batatas, extraviando a lança no meio dos caraguatás. E a relambória se instalou e, sem ver de onde e de quem vinha, levou tanto açoite de mango e pisoteios de taco de bota, que seu rosto ficou riscado de rosetas de esporas. Virado em gemidos, perdeu as forças de tantas pancadas que levou, e do guereguerê dos tourunguengas, chegou a ouvir um “*vamos degolar este infeliz!*”, desmaiando em seguida.

O tempo disparou como num tiro de quatrocentos e, muitas horas depois, o Tenório voltou a si. Estava caído de costas e muito machucado. Guenzo, não conseguia mexer as pernas que ficaram cimentadas na lama pegajosa do tremendal. Tentava mexer os olhos para mirar o que havia ao seu redor, mas as pálpebras pareciam estar enredadas com o sangue que secara. A prata da lua derramou-se sobre o banhado e o Tenório tinha a impressão que o capinzal alto e os juncos, estavam a lhe fazer vistas como a querer lhe “passar um pito” e exigir que ele tomasse postura de maragato e não se abatasse. Uma lufada de vento pampeiro fez aquela vegetação ondular-se, deitando e subindo, como se estivessem ensaiando com ele para que se pusesse logo de pé. Até periga a verdade, mas foi o que ele fez, embora tenha se pranchado por diversas vezes sobre os caraguatás, mas por fim, conseguiu arrastar-se dali como cobra mal matada.

Os animais dos chimangos pisotearam tanto as macegas próximas do alagado, que um pequeno carreiro ganhou esboço. Tenório se foi cambaleante por ali até que tropeçou na sua lança que tinha sido alijada no tombo – estava ali atravessada como argumento de lagarto. Com o achado, ele agrandou-se novamente, fazendo dela uma muleta improvisada. Afrissurou o passo para sair daquele lugar fétido, até que as pernas bambetearam. Buscou proteção da aragem numa aba de pedra no sopé de um morro agudo, até que o dia amanhecesse. Precisava baixar o toso prá recuperar as forças. A primeira barra do dia lhe deixou assustado ao ver o estado de suas vestes e os cortes profundos que sofrera no corpo, coisa tão feia como gineteada de burro.

Colocou-se de pé e seguiu destino, bombeando ao longe e seguindo as marcas dos cascos deixados pelos animais dos chimangos. Os rastros passavam rente a taipa de pedras que serpenteava um coxilhão e entravam num pequeno capão de mato de camboins e aroeiras. Com tenência de cirurgião de campanha, foi cruzando pelo meio das pequenas árvores, seguindo o carreiro deixado pelo gado, evitando enroscar-se nas galhadas. Com a idéia embuçalada no desejo de agaturrar os malfeitores, ele seguia com a face e a testa quentes como ferro de marcar. Mas foi só chegar na orla do capão, deu de cara com os chimangos ainda deitados nos pelegos, com os pés voltados para um já apagado fogo de chão. Ali, estacou como se tivesse defronte a uma cobra cruzeira e ficou de cócoras chuleando o momento de romper e furar de uma vez o ventre deles a pontaço de lança. Instintivamente foi levantando e seguindo pé por pé em direção aos tais. Com a lança na destra chegou junto do homem deitado mais próximo e, com um manotaço, arrancou a capa campeira que estava por sobre ele e travou a ponta da lança na cava do pescoço do quebra. Por sorte, era o Capitão Dinarte que estava ali: *“Se tu te coçar, vais dar louvado agora mesmo para o diabo lá no inferno!”*. O Capitão grelou os olhos e não disse nenhuma palavra. Tenório se dirigiu ao outro chimango e gritou: *“E tu, seu vira-bosta... te alevanta devagarzinho e joga as armas pra perto de mim! Não me faça nada à “lo loco” senão eu despacho o teu comparsa sem tempo dele se confessar!”*.

O outro chimango balbuciou um intróito e o Tenório foi apertando a lança no pescoço do Dinarte, que imediatamente passou a bater os braços no chão chamando a atenção do cupincha para que não se bobeasse. Em dois tempos, um “schimitão” .45 veio parar próximo aos pés do Tenório. Mirando os olhos do Dinarte, num olhar de sol atravessando a água, ali se foram minutos que, mesmo com a ponta da lança no pescoço, o chimango começou a duvidar da coragem do maragato em espetá-lo e um sorriso de escárnio foi se desenhando no seu rosto. O Dinarte tava comprando o João Tenório por manso e num repente aquela lança saiu da garganta do dito, rompendo num golpe preciso a ponta da orelha esquerda do infeliz, coloreando o pescoço e a carona dos arreios sob a sua cabeça. Pra já que o Dinarte tomou cor de vela de sebo, transfigurando o semblante como se tivesse visto uma cruz de boitatá com lobisomem. João Tenório ergueu a lança, pronto para acabar com a vida do desprezível, e desceu com força em direção ao peito do maleva. Mas algo fez a lança direcionar pro chão, rente ao pescoço do Dinarte.

Em suas mãos estava o poder de decidir sobre a vida daqueles homens e vingar as almas da sua mãe e irmãs, assassinadas sem motivo. Com o joelho esquerdo no peito do Dinarte, e apoiado na lança cravada no chão, João Tenório olhou à sua frente e percebeu que já tinha estado por ali, durante um confronto com os governistas: o seu piquete fora cercado naquele mesmo capão de mato e ficaram sem saída. A solução única era atravessar uma lagoa de fundo barrento que ficava do outro lado. A mente lhe torturou com a imagem dos seus companheiros se afogando dentro d’água e aqueles que não conseguiram furar o cerco como ele acabaram sendo degolados ali mesmo. Chegou a ver os algozes limparem o sangue das adagas nos lenços encarnados que esvoaçavam ao vento forte daquele dia, como se tivesse carregando as almas daqueles guerreiros para a querência do invisível.

Algo muito forte lhe desapresilhou a idéia, e ele ficou a assuntar os pensamentos: *“--- Por que tinha que ser daquele modo? Por que os homens não conseguiam conviver com a pluralidade de idéias, à semelhança do gado de muitas pelagens e raças, que dividem a mesma pastagem? Por que o*

sangue dos irmãos devia ser derramado para fazer valer as ideologias pela força das lâminas e não pela essência dos seus fundamentos? Por que o livre pensar, manifestado na bandeira levada como lenço no pescoço, colocava em risco a própria vida? Por que deslustrar o legado de irmandade de nossos gaúchos que, como irmãos, ombreavam fraternalmente para preservar a terra, “mãe da raça forte”, pegando em armas somente quando era preciso repelir o ataque dos castelhanos? Mãe... minhas irmãs... peço perdão a vós, mas não vou vingá-las... não quero mais que as minhas mãos sejam instrumentos da morte de gaúchos por causa das nossas imperfeições, por causa do maldito desprezo que nutrimos por nós mesmos”.

João Tenório não percebeu, mas estava a gritar os seus pensamentos. Como veneno de jararaca no sangue, o Capitão Dinarte foi contagiado pelas palavras de Tenório. Uma voz embargada e triste brotou das entranhas do velho chimango que, segurando com as duas mãos o braço do maragato, disse: “--- *Negamos a nossa raça, João Tenório! Há muito que nossas vidas se apoucam em cada rancho que chegamos. Como gostaria de não ter que bater mais com os encontros com maragato nenhum pelo meu caminho e poder anoitecer no meu próprio rancho, cansado de um dia de trabalho digno! Vista o poncho da justiça.... e faça o que precisa ser feito... pois aqui encerro esta luta ilegítima que a ninguém dará vitória! João Tenório, ninguém venceu! Somos todos perdedores! Mas, antes de liquidar a vida infame que temos levado, perdoa-nos pelo terrível mal que te causamos!”.*

João Tenório arrancou a lança do chão e desfez o nó do lenço maragato no pescoço, abriu-o e soltou-o na esperança que o vento lhe arrebatasse para longe. O lenço caiu a dois passos a sua frente. O Capitão Dinarte foi se virando e saiu debaixo do joelho de Tenório, ajoelhou-se de costas para ele, a modo como colocavam os prisioneiros para a degola. Pronto para ser executado, Dinarte retirou o seu lenço branco do pescoço, coloreado do sangue que verteu da orelha cortada e colocou-o sobreposto ao lenço encarnado caído à sua frente.

A reboldosa se encaminhava para o fim. João Tenório fez um suspiro profundo, segurou o ombro próximo ao pescoço de Dinarte, ergueu a lança para o alto e soltou-a com uma força descomunal. O cabo da velha arma ficou balançando, mas corpo nenhum encontrou... varando apenas os dois panos a sua frente: o vermelho e o branco, bandeiras das revoluções imperfeitas entre os gaúchos... imperfeitas por que irmãos tiravam a vida de irmãos.

GLOSSÁRIO DE TERMOS GAUCHESCOS

Qüeras: valentes, destemidos; Teatinos: forasteiros; “Deitar uma coivara”: queimar a capoeira ou sobra do roçado; Rosilha estrela: égua com pelo avermelhado, salpicado de fios de cor branca, com pequena mancha branca na testa; Mitra: astúcia; Tosconeando: pegando no sono; Priscar: disparar; Abantesma: fantasma; Belendengue: guarda de fronteira; Baiaquaras: matuto, gente rude; Carancho: ave de rapina da família dos falconídeos, cará-cará; Guasquear: surrar com couro; Mamangava: frio; Arengueira: esquiva, que não se deixa pegar; “Deitar a quilina”: sair correndo com o cabelo ao vento; Mosquetão Comblain: arma comprado pelo Exército Brasileiro por volta de 1892, de origem Belga; Galego: apelido dado pelos farrapos aos legalistas, aos homens do governo; Chimango: partidários do governo republicano de Borges de Medeiros; Despacito: devagar; Alcarrada: movimento das aves de rapina para apanhar as suas presas; Calaveira: velhaco, tramposo, de más intenções; Mango: relho de cabo grosseiro com soiteira curta e larga de couro cru; Relambório: sem graça; “Guerequerê”: falatório; Tourunguenga: valente; “Passar um pito”: chamar a atenção para alguma coisa; admoestar; Afrissurar: apressar; Bambetear: caminhar desequilibrado; Tenência: cuidado; Agaturrar: prender com as mãos; Manotaço: pancada com a mão; “Shimitão”: corruptela da marca de revólver norte-americano “Schmidt Wesson”; Reboldosa: desordem, briga.

(*) JUAREZ NUNES DA SILVA – Tradicionalista, pesquisador e escritor de contos literários gauchescos. Integra a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o Instituto de História e Tradições do RGS, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra; é Vice-presidente da Associação dos Artilheiros Antiaéreos e Secretário da Liga de Defesa Nacional – Núcleo de Caxias do Sul - RS.

Nossa 3ª Região Militar – Região Dom Diogo de Souza - está de parabéns! No quartel do 3º Batalhão de Suprimentos, sediado em Santa Rita (grande Porto Alegre), realizou-se a solenidade comemorativa de mais um aniversário de sua criação. O Rio Grande do Sul, neste 23 de julho de 2010, defronta-se com baixa temperatura. O inverno gaúcho não tem economizado na arte de congelar.

No horário previsto, a tropa estava em forma. Feitas as devidas apresentações, leituras alusivas ao acontecimento e outras formalidades, dá-se início ao roteiro traçado.

Precedendo ao desfile de encerramento, a entrega de medalhas foi o ponto alto do grande cerimonial: conduzidos por um oficial que também receberia sua merecida condecoração, agraciados presentes recebem suas comendas. Dentre eles, o momento vivido pelo oficial à testa do pequeno grupo, realmente nos comoveu. Do local onde estávamos, juntamente com os demais convidados, aplaudimos a vibração do referido militar.

A perfeita nitidez de sua voz de comando, sua destacada apresentação de uniforme, sua postura inconfundível de um oficial entusiasta da profissão, foram abaladas emocionalmente. Recorrendo, simultaneamente, às suas energias verde-olivas, não chegou a perder o controle da situação. Acontecimentos dessa natureza não são inéditos, nem estão divorciados da vida dos grandes soldados:

- Mansueto Bernardi, em "O Primeiro Caudilho Rio-grandense", versando sobre a Guerra Guaraniática, registra: "Sepé foi vencido. Cheio de raiva e de dor, tocou em retirada, indo acampar na costa do Batovi. E aí, reclinado sobre uma rocha da coxilha do Maricá, chorou copiosamente o herói Tiaraju..."

- Patton, Comandante do Terceiro Exército dos EUA, em plena 2ª Guerra, não escondia sua emoção no momento em que condecorava seus valorosos soldados feridos em combate.

- Quando a Inglaterra atravessava um dos períodos mais críticos de sua história, Churchill, primeiro-ministro recém-designado, foi incisivo em seu apelo a "sangue, suor e lágrimas". Mais tarde, recepcionado no Parlamento do seu país para anunciar o Dia da Vitória, seu rosto foi banhado pelas lágrimas incontidas.

Como se vê, chorar não é desabonador. Nós, brasileiros, somos excessivamente sentimentais. Há quem diga que o choro é o desabafo da alma. E nós acreditamos!

Quando um militar do nosso Exército chega às raias da emoção ao receber sua medalha, esse distinto irmão de armas merece nossa mais profunda admiração. Nesse momento, perante a tropa formada, a condecoração que brilha em seu peito é o reconhecimento solene de uma existência verde-oliva dedicada às lides castrenses.

Fomos envolvidos pela emoção de um companheiro? Sim, fomos! E nos sentimos felizes por isso. A felicidade alheia, ou as suas dores, também nos atingem. O Mestre dos mestres, pouco antes da ressurreição de Lázaro, viveu essa situação: "sob o impulso de profunda emoção... pôs-se a chorar" (João 11.35).

Que a importante medalha, merecidamente conquistada pelo mérito do ilustre militar, receba nossa continência.

Sentimentos que brotam da alma de um soldado são emoções incontidas! Ninguém consegue detê-las!

Porto Alegre/RS, 23 Jul 10
(Evilácio Saldanha – ST Inf Ref – Poeta e Soldado)

Notícias

- 1) Dias 13 e 20 de setembro: cerimônias de posse de acadêmicos no Salão Brasil do CMPA, ambas às 1700 h, com estacionamento interno. Antes das posses: descerramento da placa comemorativa dos 200 anos da Academia Real Militar;
- 2) No dia 13: posses dos coronéis Edu Campelo de Castro Lucas e Ivo Benfatto;
- 3) No dia 20: posses dos doutores César Pires Machado e Frederico Euclides Aranha;
- 4) Dia 18 Set: lançamento do livro História da 1ª BdaCMec em Santiago, RS;
- 5) Obras em andamento: O Duque de Caxias Dia a Dia, Dicionário Biográfico de ex-alunos do Casarão da Várzea (título provisório), História da AD/3 (Cruz Alta).

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
2º Vice-Presidente e Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS
Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara/RS